

3 mil maneiras de ganhar o pão

Após um levantamento de seis anos, pesquisadores do Ministério do Trabalho montaram um guia que classifica 3.100 ocupações. Algumas delas quase estão em extinção, como o trabalho de parteira, mas só agora ganharam uma classificação oficial. Para traçar o perfil desses profissionais, eles ouviram 7 mil trabalhadores e descobriram histórias emocionantes e curiosas

DANIELA TÓFOLI
Jornal da Tarde

Pajés, prostitutas, perfumistas, catadores de papel, embalsamadores, dançarinos, rabinos, charuteiros, mestres de bateria de escolas de samba. Durante seis anos, foi um verdadeiro desfile de profissionais no Ministério do Trabalho. Empenhados em organizar a nova Classificação Brasileira de Ocupações (CBO), que será lançada em outubro, funcionários do ministério ouviram 7.000 trabalhadores de 3.100 ocupações que estão divididas em 600 famílias ocupacionais.

"A classificação é o documento que reconhece, nomeia e fornece os códigos das ocupações do mercado de trabalho brasileiro", explica a chefe de divisão da CBO, Cláudia Carvalho Paiva. "E, dessa vez, ouvimos os profissionais. Foram eles que descreveram seus trabalhos."

"Dessa vez, ouvimos os profissionais. Eles descreveram seus trabalhos." CLÁUDIA CARVALHO PAIVA, do Ministério do Trabalho

"É um trabalho nobre. Nunca perdi nenhuma criança nem nenhuma mãe."

Dona MAZÔ, de 83 anos, que já fez mais de 200 partos. Ela mora em Sobral, no Ceará, e aprendeu o ofício com a mãe

para ajudar os bebês a nascerem, mas nunca havia andado de avião. Para ajudar a equipe da família de agentes comunitários de saúde e afins, da qual fazem parte as parteiras, os funcionários providenciaram um acompanhante para levá-la ao ministério.

"Adorei a viagem e fiquei feliz em saber que as parteiras estão sendo reconhecidas. É um trabalho nobre." Dona Mazô herdou da mãe o ofício e já fez mais de 200 partos. "Nunca perdi nenhuma criança nem nenhuma mãe. O parto mais difícil que fiz foi o primeiro porque o bebê estava torto", lembra. "Mas deu tudo certo e, hoje, ele já é avô." A parteira também ajudou seus netos e bisnetos a virem ao mundo. "É uma alegria muito grande quando a gente vê o bebê chorar", diz. "Já tenho até tataraneto, mas agora tem muita maternidade e estou velha para fazer partos."

A presença das charuteiras também comoveu a equipe. "No final do segundo dia de trabalho, elas começaram a suspirar profundamente e a ficar melancólicas", diz Cláudia. "Quando as especialistas perguntaram o que estava acontecendo, elas responderam que não queriam deixar a vida de princesa que estavam levando no hotel para voltar ao borralho."

Além de emoção, também teve festa no ministério. Quando os dançarinos foram explicar seu trabalho, por exemplo, prepararam uma animada apresentação com todos os tipos de dança do País, contando com a presença de Carlinhos de Jesus. Os artistas de circo levaram o Picolino – um dos mais tradicionais palhaços do Brasil – e os músicos solicitaram, pela primeira vez, que um mestre de bateria de escola de samba fizesse parte dos trabalhos.

Tábua de passar e religiosos caracterizados

Na família de tintureiros, lavadeiras e afins, um tintureiro de Maringá, no Paraná, levou uma tábua de passar roupa de madeira de presente para a facilitadora. "E, na família de ministros e cultos religiosos, os especialistas apareceram caracterizados. Tinha padre, pastor, rabino, pajé, mãe-de-santo. Cada um representando sua religião."

Já as prostitutas, pela primeira vez, ganharam uma ocupação própria: profissionais do sexo. "Elas convidaram a relatora e a facilitadora para conhecerem a Vila Mimosa, uma tradicional região de prostituição no Rio de Janeiro, e o convite foi aceito", afirma Cláudia. "Assim foi possível compreender ainda melhor a profissão."

Ela lembra, no entanto, que a categoria profissionais do sexo, como a maioria das outras, não é uma profissão, mas uma ocupação. "A profissão tem de ser reconhecida por lei e só temos 84 delas no Brasil."

A CBO atual é de 1994 e tem 2.356 ocupações. "Muita coisa nova vem surgindo", conta Cláudia. "E os setores que têm mais ocupações emergentes são a Biotecnologia, a Mecatrônica, a Informática e o Transporte."

A nova classificação será lançada no mês que vem em três volumes e estará também na Internet. "A partir daí, o IBGE usará a nossa classificação e será mais fácil termos dados precisos das ocupações no País. Com essas informações, o governo poderá decidir políticas para criação de empregos e para a qualificação do trabalho." No guia, haverá uma resumo de cada ocupação, seu perfil e sua área de atuação.

A arte de empalhar, finalmente reconhecida

Tempalhar uma tartaruga de 300 quilos e um vira-lata que havia sido vereador em uma cidade de Santa Catarina foram os pedidos mais esquisitos já feitos ao biólogo Fernando Chiavenato, de 33 anos, o único taxidermista do País com ensino superior. "Há mais cinco profissionais no País, mas só eu sou biólogo", conta. "Com a inclusão na Classificação Brasileira de Ocupações, a taxidermia passou a ser uma carreira de nível técnico."

Conhecidos como embalsamadores ou empalhadores – já que desde 2.500 a.C. usava-se bálsamo ou uma combinação de palha com barro para preservar os animais –, os taxidermistas agora utilizam poliuretano. "Quando um animal chega, tiro todas as medidas dele e vou esculpindo o molde até que ele fique na posição que o cliente pediu", conta. "Só então cubro com a pele original, que é a única parte aproveitada do bicho."

Só os vertebrados (peixes, anfíbios, répteis, aves e mamíferos) podem ser taxidermizados. "Tenho clientes variados: os que mandam seus bichos de estimação, como papagaios, cães e gatos; os criadores de animais exóticos, como javalis, jacarés e búfalos; e os pescadores e caçadores profissionais."

Para presentear a equipe do Ministério do Trabalho responsável pela sua ocupação, Fernando levou uma galinha ainda no ninho empalhada. "A galinha é um animal próximo, não assusta, e ainda pode ser usada como decoração na copa ou na cozinha."



Prostituta, não. Profissional do sexo

Gabriela sempre quis ter seu trabalho reconhecido. Prostituta desde a década de 70, pensou que fosse morrer sem ver o sonho realizado. "Venho lutando há anos pelo nosso reconhecimento, mas já estava desistindo", conta. "Até que o Ministério do Trabalho me ligou para que eu participasse da Classificação Brasileira de Ocupações. Nem sabia que isso existia, mas topei e levei colegas da Bahia, de Belém, do Rio e de Porto Alegre."

O convite, lembra, era para que descrevessem a rotina de trabalho e falassem de seus direitos e deveres. "Foi o máximo. Chegamos até a levar a equipe à Vila Mimosa para que elas conhecessem nossa realidade", afirma Gabriela Silva Leite, que tem 51 anos e é a coordenadora da Rede Brasileira de Profissionais do Sexo. "Ter nossa ocupação reconhecida foi uma grande vitória. Agora, finalmente temos um lugar na sociedade. Não somos mais marginais. E esse é o resultado do nosso esforço."

Com um nome oficial (profissionais do sexo) e um código no ministério, as prostitutas e também os garotos de programa já podem pressionar seus patrões para que tenham acesso aos direitos trabalhistas. "Antes, mesmo que alguém quisesse nos registrar na carteira de trabalho, não tínhamos nem uma ocupação definida", diz Gabriela. "Com a classificação, podemos cobrar tudo o que temos direito e tentar diminuir a exploração que sofremos há anos."

Cacique agora é 'chefe de pequenas populações'

Chefe de pequenas populações. Esse é o nome pomposo que os caciques brasileiros ganharam no Ministério do Trabalho. E, orgulhosos com a nova denominação, já encontraram também novas funções.

"Hoje em dia um cacique não pode ficar só na sua aldeia, precisa fazer uma integração com os moradores das cidades próximas", conta o cacique Agnelo, de 33 anos, da tribo Bzub'Abze, que fica em Barra do Garça, Mato Grosso, e tem 86 integrantes. "E esse nome nos ajuda porque é uma forma oficial de nos apresentarmos para as autoridades. A liderança indígena está muito agradecida com esse título."

Feliz com o reconhecimento da sua ocupação pelo ministério, Agnelo explica que, até alguns anos atrás, o cacique tinha de se preocupar apenas em comandar sua comunidade internamente.

"A gente faz o planejamento de todo o trabalho na tribo, divide as tarefas, cuida das plantações, da caça, da pesca, da limpeza e ainda organiza as festas e rituais que costumam acontecer quase todas as semanas", explica.

Mas, agora, o cacique também tem de ser o elo de comunicação da aldeia com a cidade. "Quando alguém fica doente, por exemplo, temos de buscar médicos. Ainda negociamos a troca de alguns produtos que produzimos e organizamos as ações conjuntas que fazemos com a Funai (Fundação Nacional do Índio). O trabalho de um chefe de pequenas populações ficou mais globalizado."



Um espaço para xaropes de raízes e sementes

Raimundo chegou ao Ministério do Trabalho com um pote de xarope de jatobá feito por ele mesmo. Foi o seu presente para a relatora que tinha a missão de desvendar a vida dos raizeiros do País. Incluídos na categoria Trabalhadores Florestais Polivalentes, os raizeiros convidados para explicar como é a rotina de trabalho montaram uma exposição com raízes, sementes, folhas, cascas e frutos secos e, por meio da literatura de cordel, explicaram para que servia e como era usado cada exemplar.

Raimundo Brito Silva, de 73 anos, foi um deles. Criado na Floresta do Araripe, no Ceará, onde ainda mora, ele levou algumas folhas e cascas de árvores, além do xarope. "O pessoal gostou muito e dei o xarope para a relatora porque ele serve para tudo: gripe, sangue fraco, osso que quebra. É um baíta fortificante. Tomo sempre que preciso."

Hoje, o raizeiro não sai mais juntando sementes e raízes para sobreviver. "Me tornei funcionário do Ibama e agora tenho que fiscalizar a mata e impedir o contrabando de madeira. É um trabalho duro." Pai de 13 filhos, ele garante que não troca por nada sua vida na floresta. "Não estudei não, nem sei ler. O máximo que faço é escrever meu nome e só aprendi para poder votar", conta. "Mas não queria morar na cidade. Me acostumei a acordar e a dormir com os barulhos da mata, aqui tem de tudo e sempre me deparo com alguma beleza. Não posso reclamar da vida."

